

# Mudaram as cores das rosas de Lúcia

Marcelo Garbine

Olhos entreabertos ao despontar dos primeiros raios  
Só óleo entre espetros a lacrimar os canteiros baixos  
Gotas que surgem macias numa verônica fria  
Solta em penugem, descia, suma da crônica lia.

Enredo que ressonava somente dentro de mim  
É medo que só me dava no epicentro do fim  
Lembrança de infância, brinquedo de plástico partido  
Criança em vacância, tão cedo, sarcástico estampido.

As cores das rosas são ofuscadas pela fuligem  
Afores nervosas mãos calejadas, sê-la a origem  
De vida mais dura que esmagou o calor da pelúcia  
Despida, não pura, apagou, sem amor, chora Lúcia.

Terra treme em pés seus. Ar respirado não é mais leve  
Berra e geme: "Meu Deus, meu pai amado, vem e me leve"

Pra longe, pra onde exista o começo e a inocência  
De um monge que esconde o endereço da opulência.

Eu lírico imberbe pra varão vexado no grito  
Empírico, me serve ela, então, corado, explico  
Que Lúcia sou eu nas manhãs que amanhecem sem sol  
Argúcia que deu as manhas que a mim servem de atol.

Marcelo Garbine